

A MENTE MORALISTA

Por que as pessoas boas se separam por causa da política e da religião?



PODSUMÁRIO 025

Olá, bom-dia, boa-tarde, boa-noite, meu nome é Luciano Pires, e este conteúdo é exclusivo para os assinantes do Café Brasil Premium. Hoje apresento o podsumário do livro

A MENTE MORALISTA

Por que as pessoas boas se separam por causa da política e da religião?

Este podsumário é uma daquelas exceções, pois trata de um livro já lançado em português como publicação independente em outubro de 2018. Tem 506 páginas e é vendido na Amazon na versão Kindle, por R\$ 35,12. Você pode comprá-lo aqui: <https://amzn.to/2Dprz0c>

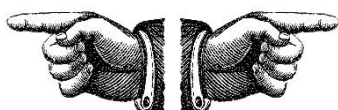
A descrição do livro na Amazon diz que a ética é o assunto do momento e a abordagem de Jonathan Haidt, embora localizada na cultura norte-americana, tem um viés de análise da moralidade bem contemporâneo e que rompe em muitos momentos com o que o mundo acadêmico tem se debatido há séculos. Seu ponto de vista é a defesa de que o raciocínio moral é sempre e tão somente mera justificativa para fins de reputação. Fazemos o que fazemos não por critérios metafísicos de certo e errado, mas por automatismos adquiridos evolucionariamente em paralelo com o desenvolvimento de tradições culturais – grupais – mais eficazes em durar mais tempo e produzir mais descendentes.

A obra navega contra as marés fundamentalistas à esquerda e à direita sem naufragar em preferências ideológicas absolutas, tentando demonstrar que a moralidade é mais um jogo de resiliência e sobrevivência, uma arte para a convivência saudável. Criticado por conservadores e progressistas ao mesmo tempo, Haidt consegue dar um passo à frente no desenvolvimento de uma "psicologia moral" que pode substituir tranquilamente as mais vetustas "filosofias morais". Fica a seu critério inventar desculpas, justificativas reputacionais, para ler ou não ler. Eis a questão.

É claro que este tipo de debate não pode passar despercebido no universo do Café Brasil, não é?

Neste podsumário eu experimento uma outra forma de sumarizar o livro. Em vez de reproduzir exatamente o que diz o autor e depois comentar, desta vez vou direto na interpretação do que ele quis dizer. É uma experiência. Digamos que este podsumário é um pitaco... Sou um sumarizador em busca de um estilo.

Uma dica importante: no livro o autor se refere constantemente à direita e esquerda, a democratas e liberais e a conservadores. A definição de “liberal” nos Estados Unidos corresponde à de “esquerda” no Brasil. Neste podsumário vou então sempre opor direita a esquerda e conservadores a progressistas. Pode ser que essa rotulação não seja precisa, mas coloca as discussões na perspectiva correta.



Por que “podsumário”? Porque este conteúdo é mais que um sumário. Foi criado a partir da experiência dos Podbooks, audiolivros que trazem, além do conteúdo original do livro, comentários do autor. No caso dos podsumários, que os assinantes do Café Brasil Premium recebem nas versões em PDF e em áudio, os comentários são meus, apresentados sempre que eu anunciar o “meu pitaco”.

A intenção deste podsumário é tratar de temas relacionados ao exercício da liderança e do empreendedorismo. Os livros que aqui abordo, quando lançamos este podsumário, normalmente ainda não foram publicados em português. A ideia é antecipar para você conceitos inovadores que uma hora destas chegarão por aqui.

Este sumário não tem nenhuma associação nem é endossado pela editora ou pelo(s) autor(es) do livro original, nem tem a intenção de ocupar o lugar do livro. Este podsumário é apenas um guia com reflexões de Luciano Pires sobre o conteúdo original. Inclui citações e ideias originais do livro em tradução livre, com a intenção de educar e informar sobre temas diversos em discussão na sociedade.

Só lembrando: você pagou para ter acesso a este conteúdo por acreditar que existe valor nele. Este podsumário é seu, faça o que quiser com ele, mas lembre-se: se você o enviar a outras pessoas, não estará remunerando quem trabalhou para que este conteúdo valioso chegue até você.

É isso. Vamos ao livro



Jonathan David Haidt é professor de liderança ética na Sterns School of Business da Universidade de Nova Iorque. Seus estudos tratam da psicologia da moralidade e foi ele o criador da “metáfora do ginete e do elefante”, que já usei no Podcast Café Brasil e lembrarei mais adiante.

Haidt diz que poderia ter intitulado seu livro como A Mente Moral para combinar com o sentido de que a mente humana seria desenhada para agir “moralmente”, assim como é desenhada para falar, fazer sexo, música e muitas outras atividades descritas em livros populares sobre as últimas descobertas científicas. Mas escolheu A Mente Moralista para combinar com o sentido de que a natureza humana não é apenas intrinsecamente moral, é também intrinsecamente moralista, crítica e ajuizadora (julgadora).

Meu pitaco. Preparei este podsumário a partir da edição em inglês, onde aparece o título THE RIGHTEOUS MIND. A tradução literal seria A MENTE JUSTA, mas esse título não faria juz à abordagem que o autor fez para o assunto. Na versão em português,

feita de forma independente em e-book por Antonio Kuntz, o tradutor escolheu “moralista”, com a qual concordo.

O bom senso sempre disse que religião e política não se discutem, especialmente quando estamos na companhia de gente educada. Esses assuntos são apaixonantes, e têm enorme potencial de criar inimizades e conflitos. E de acordo com Haidt, discordar sobre política e religião não é necessariamente ruim. Mas ele reconhece que as discussões saíram do controle e escalaram para um ponto em que ameaçam o próprio tecido social das nações.

Meu pitaco. Bem, aqui já matou a pau... quem leu meus livros Brasileiros Pocotó, Nós Qui Invertemo As Coisa e Me Engana Que Eu Gosto ou ouve meus podcasts há algum tempo, sabe que bato sempre nessa tecla: quais as consequências de uma sociedade dividida, onde o conflito substituiu o confronto de ideias? E mais que isso, como essa divisão foi minuciosamente construída ao longo de décadas de inoculação da cizânia, algo que é histórico e explica grandes e sangrentos conflitos na história da humanidade. O mesmo tem acontecido no Brasil, em ritmo lento mas constante, criando a situação na qual nos encontramos hoje.

De acordo com Haidt, pelo menos um pouco da inimizade e conflitos entre pessoas com posições políticas e religiosas antagônicas nasce da incapacidade de entender de onde essas crenças vêm. E também pela incapacidade de se compreender como seu oponente entende suas próprias crenças. É para ajudar a entender essas questões, trazendo um pouco de civilidade ao debate, que Haidt escreveu este livro.

Para Haidt, a compreensão das crenças políticas e religiosas começa com entender como a moral humana evoluiu ao longo de milhões de anos.

Meu pitado: Haidt é o criador da “metáfora do ginete e do elefante”, que usei em artigos e no [Podcast Café Brasil 571 – Fala Sério](#). A metáfora indica que dois sistemas independentes funcionam em nosso cérebro, ao mesmo tempo, influenciando um ao outro. De um lado está a parte racional e reflexiva, de outro a emocional e instintiva. Consciente e subconsciente. A primeira pensa e analisa a realidade, a segunda é movida por emoções, dor e prazer.

Quando os dois sistemas seguem em harmonia pelo mesmo caminho, em busca da mesma coisa, sem conflitos, é uma maravilha. Mas quando cada sistema tem suas necessidades, a confusão começa. A metáfora de Haidt diz que o sistema racional é o ginele (o condutor do elefante), e o sistema emocional é o elefante. O elefante é monstruoso, forte, impulsivo. O ginele é pequeno e fraco, mas muito esperto. Por sua inteligência, o pequeno ginele consegue controlar o grande elefante, dirigindo-o e comandando. Mas se o elefante decidir tomar alguma iniciativa por conta própria, não há ginele que segure...

Haidt divide o atual senso moral em seis módulos, cada um dos quais evoluiu para atender a desafios específicos que nossos ancestrais encontraram nos ambientes em que nossa espécie se desenvolveu.

Esses seis módulos, que chamarei de moralizadores, são:

- 1. O Módulo dos Cuidados e Danos**
- 2. O Módulo da Justiça e Fraude**
- 3. O Módulo da Lealdade e Traição**
- 4. O Módulo da Autoridade e Subversão**
- 5. O Módulo da Liberdade e Opressão**
- 6. O Módulo da Santidade e Degradação**

Todos nascemos já programados com esses seis moralizadores e cada um deles é amplificado ou diminuído, assim como modificado por fatores internos e externos. Os fatores internos incluem nossa personalidade e nosso caráter, enquanto os externos incluem o ambiente no qual fomos criados, inclusive o ambiente cultural, assim como as experiências que vivemos. Essas experiências ajudam a formatar nossa visão sobre a natureza humana, que por sua vez influencia nossa visão sobre o que é uma boa sociedade. São esses fatores internos e externos, que diferem de pessoa para pessoa, que explicam a multiplicidade de visões políticas, morais e de ideologias entre as várias culturas e até mesmo dentro de mesmas culturas, entre indivíduos.

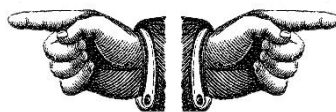
Além dos seis moralizadores, Haidt afirma que os seres humanos também desenvolveram uma camada de sentimento de grupo ao longo de 140 mil anos e, mais

recentemente, nos últimos 10 mil anos. Esse senso de grupo explica nossos sentimentos morais e políticos, e também ajuda a explicar nossa atração pela religião e outros objetivos orientados pelos grupos. Por exemplo, nossa atração por times, clubes e outros tipos de organizações.

Meu pitaco. É aquela velha questão das tribos. O ser humano se desenvolveu em tribos, é atraído por tribos e precisa de tribos. E aqui vou recolher àquela velha definição do Seth Godin: tribo é um grupo de pessoas conectadas entre si, conectadas a um líder e conectadas a uma mesma ideia. Fazer parte da tribo nos dá o sentimento de pertencimento, de compartilhamento, de proteção. Em grupo somos mais fortes, mais confiantes, mais corajosos.

Ao mesmo tempo em que nosso sentimento por tribos nos vincula às organizações das quais fazemos parte, também nos coloca contra as organizações que consideramos nossas adversárias. Faz com que seja particularmente difícil nos identificarmos com quem pensa diferente e apreciar seus pontos de vista.

Para Haidt, uma vez que venhamos a entender de onde vêm nossas visões políticas e religiosas, fica mais fácil apreciar os pontos de vista de nossos oponentes, o que talvez nos leve a perceber que eles têm algo a acrescentar ao debate. Em política, Haidt afirma que tanto a direita como a esquerda têm com o que contribuir para o assunto, e a melhor solução para as discussões políticas seria aproveitar as ideias dos dois lados.



Uma introdução às fundações biológicas da moralidade.

A compreensão da política e da religião precisa começar com a compreensão do senso moral humano. Como um primeiro passo, Jonathan Haidt define assim os sistemas morais:

“Sistemas morais são conjuntos de valores, virtudes, normas, práticas, identidades, instituições, tecnologias interligadas e mecanismos psicológicos evoluídos que atuam em conjunto para suprimir ou regular interesses próprios e tornar possíveis as sociedades cooperativas.”

Essa definição foca no papel que os sistemas morais desempenham na sociedade. Toda sociedade precisa lidar com o desafio de manter indivíduos que têm objetivos diferentes, e não raro, conflitantes, vivendo em conjunto e cooperando de forma que todos consigam atingir seus objetivos. Os sistemas e valores morais são as ferramentas que usamos para obter essa convivência, digamos, harmoniosa.

Mas quando se trata do comportamento humano, inclusive o comportamento moral, ao longo do século vinte os cientistas sociais acreditaram que era tudo uma questão de educação e aculturação, e que nossa herança genética não tinha nada a ver com isso.

Em 1987, a psicologia moral era uma parte da psicologia experimental. Pesquisadores focavam em questões sobre como as crianças desenvolviam seus pensamentos sobre regras, especialmente sobre regras de equidade. A grande questão por trás dessa pesquisa era: Como as crianças distinguem o certo do errado? De onde vem a moralidade?

Há duas respostas óbvias para essa pergunta: vem da natureza ou da educação. Se você escolhe natureza, então você é um inatista. Você acredita que o conhecimento moral é inato. Ele vem pré-programado, talvez escrito por Deus em nossos corações, como diz a Bíblia, ou desenvolvido enquanto emoções morais, como argumentava Darwin. Mas se você acredita que a moral vem com a educação, então você é um empirista. Você crê que as crianças são mais ou menos um quadro em branco ao nascer, como diria John Locke. Se a moralidade varia pelo mundo e através dos séculos, como poderia ser inata?

Toda moral que temos na idade adulta foi aprendida durante a infância pela nossa própria experiência, o que inclui adultos nos dizendo o que é certo e o que é errado. Empírico significa “da observação ou experiência”. Mas esta é uma falsa escolha, e em

1987 a psicologia moral se focou mais em uma terceira resposta: o racionalismo, que diz que as crianças imaginam a moralidade por elas mesmas.

Nossa racionalidade se desenvolve igual as larvas se desenvolvem em borboletas. Se a larva come folhas suficientes, eventualmente criará asas. E se a criança experimenta jogos em grupo, compartilhamento e justiça no parquinho, eventualmente se tornará uma criatura moral, apta a utilizar suas capacidades racionais para resolver problemas complicados.

Racionalidade é nossa natureza, e o bom raciocínio moral é o ápice do nosso desenvolvimento.

A visão que historicamente prevaleceu entre os antropólogos era de que a evolução fez com que nossa espécie se tornasse bípede, aprendesse a usar ferramentas, tivesse cérebros grandes e, uma vez desenvolvida a capacidade para cultura, a evolução biológica parou ou tornou-se irrelevante. A cultura é tão poderosa que se sobrepõe aos mais antigos instintos que compartilhamos com os primatas.

Na segunda metade do século vinte, particularmente nos últimos 20 anos, essa visão da natureza humana foi bastante modificada, com a ideia de que nossos genes impactam enormemente nosso comportamento. Hoje, a maioria dos cientistas concorda que tanto a natureza como a educação e a cultura têm importantes papéis na definição de nosso comportamento.

Haidt empresta do neurocientista Gary Marcus uma analogia para descrever a situação: o cérebro, de onde nossos comportamentos se originam, é como um livro. O primeiro rascunho é escrito pelos genes durante o desenvolvimento fetal. Nenhum capítulo está completo quando nascemos e alguns são apenas textos básicos que serão melhor definidos ao longo da infância. Mas nenhum capítulo, seja em sexualidade, linguagem, preferência por alimentos ou moralidade, consiste de páginas em branco onde a sociedade pode escrever as palavras que quiser. A natureza faz o primeiro rascunho, que a experiência revisa e organiza conforme avança.

Quando se trata de nosso senso moral, diversas evidências ajudam a demonstrar que existe uma base biológica.

A intuição moral

Uma das maiores sugestões de que nosso senso moral tem um suporte biológico é o fato de que nossos julgamentos morais são em grande parte intuitivos, e não resultado de um raciocínio consciente. Haidt gasta a primeira parte do livro mostrando evidências que dão suporte a essa noção de pensamento intuitivo. Aliás, ele descreve uma grande pesquisa realizada na Filadélfia, em Porto Alegre e em Recife, quando descobriu que nas questões dos julgamentos morais o efeito das classes sociais é muito maior que o efeito geográfico. Pessoas bem-educadas nas três cidades são muito mais parecidas entre si do que entre seus vizinhos de classe mais baixa. Haidt viajou 8 mil km em busca de variações de moralidade quando, de fato, há mais variações de moralidade na pobre vizinhança nos arredores de sua universidade.

Haidt afirma que estamos constantemente avaliando informações filtradas por nossos cérebros. Esse processo de avaliação é direcionado por antigos mecanismos psicológicos ou funciona automática e inconscientemente. E numa fração de segundo. Nossos julgamentos morais, assim como nosso julgamento sobre todas as coisas, são em grande parte guiados por esses mecanismos de avaliação.

O racismo é um dos assuntos controversos em que esses sistemas de avaliação atuam.

Temos três modelos de mente. Platão disse que a razão deveria ser o mestre, mesmo que os filósofos sejam os únicos que possam alcançar um alto nível de domínio. David Hume disse que a razão é e deve ser a serva das paixões. E Jefferson nos dá uma terceira opção, na qual razão e sentimento são (e deveriam ser) co-governantes independentes, como os imperadores de Roma, que dividiram o império nas metades oriental e ocidental. Quem está certo?

À medida que as ciências sociais avançavam no século XX, seu curso foi alterado por duas ondas de moralismo que transformaram o nativismo, excesso de amor à pátria, que cultiva o ódio ao estrangeiro, a xenofobia, em uma ofensa moral. A primeira onda foi o horror entre os antropólogos e outros pelo “darwinismo social” - a ideia levantada, mas não endossada por Darwin, de que as nações, raças e indivíduos mais ricos e bem-sucedidos seriam os mais aptos. Portanto, a caridade aos pobres

interferiria no progresso natural da evolução, pois permitiria que os pobres procriassem. A afirmação de que algumas raças seriam inatamente superiores a outras foi mais tarde defendida por Hitler. Bem, se Hitler era um nativista, então todos os nativistas seriam nazistas. Essa conclusão é ilógica, mas faz sentido emocionalmente se você não gosta do nativismo.

A segunda onda de moralismo foi a política radical que se alastrou pelas universidades dos Estados Unidos, Europa e América Latina nos anos 1960 e 1970. Os reformadores radicais geralmente querem acreditar que a natureza humana é uma tábula rasa na qual qualquer visão utópica pode ser esboçada. Se a evolução conferisse a homens e mulheres diferentes conjuntos de desejos e habilidades, por exemplo, isso seria um obstáculo para alcançar a igualdade de gênero em muitas profissões. Se o nativismo pode ser usado para justificar estruturas de poder existentes, então o nativismo deve estar errado. Mais uma vez, este é um erro lógico, mas é assim que as mentes moralistas funcionam.

As narrativas racionais que contamos uns aos outros sobre porque julgamos algumas ações e coisas negativamente, não orientam nossos julgamentos morais. Na verdade, essas histórias vêm *a posteriori*, numa tentativa de dar sentido a nossas intuições e a convencer outras pessoas a pensar como nós. Fazemos raciocínios morais não para nos justificar ou construir as razões pelas quais fazemos nossos julgamentos, mas para encontrar as melhores razões possíveis para que outras pessoas se juntem a nós em nossos julgamentos. Essa habilidade se tornou particularmente importante para nós quando desenvolvemos a linguagem e começamos a fofocar sobre os outros. É isso que explica porque nossa capacidade de raciocínio evoluiu antes de tudo.

A sugestão de que os julgamentos morais são uma questão de intuição inconsciente e não de raciocínio consciente é fortemente explicitada pelo fenômeno chamado Confusão Moral.

A confusão moral acontece quando sabemos que algo é errado, mas não conseguimos descobrir por qual razão pensamos assim. Haidt desenhou inúmeros cenários que mostram como temos a tendência de entrar em confusões morais. Aqui vão dois deles:

O cachorro da família é atropelado por um carro em frente de nossa casa. A família tinha ouvido que carne de cachorro é deliciosa, então cozinham o animal e o comeram no jantar. Ninguém os viu fazendo isso.

Um homem vai ao açougue uma vez por semana e compra um frango. Antes de prepara-lo, mantém com a carcaça da ave uma relação sexual. Depois prepara o frango e o come.

Se você é uma pessoa progressista e educada no ocidente, dará uma resposta mais ou menos, reconhecendo o direito do homem fazer o que quiser desde que não prejudique ninguém mais. Mas se você não é uma pessoa progressista do ocidente, provavelmente achará errado – moralmente errado – alguém fazer sexo com uma galinha e depois comê-la. No entanto, ao ser perguntado por que acha essa situação moralmente errada, provavelmente você terá dificuldades de explicar. Em ambos os casos, ninguém se machucou, ninguém viu, ninguém se ofendeu. Haidt aponta que algumas pessoas em suas pesquisas indicam que esse raciocínio que não condena a atitude envolve um tipo de reciclagem que indica uso eficiente de recursos naturais. Mesmo assim, alguma coisa parece errada. No mínimo você sentiu uma sensação de repugnância, não é? Essa é uma confusão moral em funcionamento, e um forte indicativo de que nossos julgamentos morais começam com a intuição inconsciente. Haidt dá diversos outros exemplos na primeira parte do livro.

Meu pitaco. Neste momento me lembrei imediatamente da Dissonância Cognitiva, aquela espécie de anomalia psíquica causada pelo fato de alguém defender simultaneamente duas ideias contraditórias que tenham como consequência tipos de ação opostos. É você olhando aquela mendiga, por exemplo, pensando em dar o dinheiro pra ela e ao mesmo tempo imaginando que aquilo é uma armação pra lhe enganar. Uma força pede para você agir em benefício dela, outra diz pra se proteger. E você tem de lidar com essas duas forças ao mesmo tempo. Para diminuir seu sofrimento psíquico, você então tenta justificar ou racionalizar essas atitudes, ideias ou crenças contraditórias e recorre a mecanismos de defesa do ego, seja através de discursos que vão contra a lógica ou então através da recusa a crer nas evidências. Será que eu dou a esmola? Ou dou mais que a esmola? Ignoro, pois outros darão? Ignoro, porque é armação? Que decisão causará o menor dano ao meu ego?

Conforme a teoria da Dissonância Cognitiva, escolhemos o caminho que requer menos energia e especialmente, menos estresse emocional. Na maioria das vezes optamos por desembolsar algum dinheiro em vez de sentir que estamos sendo cruéis, desrespeitosos ou até mesmo indiferentes ao sofrimento alheio. Eu dou a esmola e...

-Ufa! Que alívio! Fiz minha parte!

Não é? Pois é. Agora você já sabe porque tanta gente quer praticar a censura para garantir a liberdade de opinião, matar em nome da paz, roubar em nome da justiça social, agredir em nome da democracia, quebrar a Constituição em nome da justiça. Esse povo vive em dissonância cognitiva.

Para você, assim como a maioria das pessoas no planeta, a moralidade é abrangente. Algumas ações são erradas mesmo que não machuquem ninguém. O entendimento do simples fato de que a moralidade difere pelo mundo afora, e mesmo dentro das sociedades, é o primeiro passo em direção ao entendimento do seu pensamento moralista. O próximo passo é entender de onde essa moralidade vem em primeiro lugar.

Enquanto nossos julgamentos morais refletem uma base biológica pré-existente, também refletem que essa base foi modificada de sua versão original. Como dito anteriormente, nossos genes representam um rascunho de um livro que será refinado pelo aprendizado e pela experiência. E se esse é o caso, não será fácil identificar o que seria o primeiro rascunho de nosso senso ou fundamentos morais. Mas ainda assim, existem pistas.



Rastreando os fundamentos biológicos da moralidade

Haidt participou de um projeto de pesquisa que pretendia desvendar o código da moralidade. Ele se associou a Craig Joseph, da Universidade de Chicago, e ambos começaram a recolher listas de virtudes em diferentes culturas ao redor do mundo. Depois analisaram a lista para verificar se surgia algum padrão. Descobriram que sim. Haidt diz que *“quando você vê alguma versão de bondade, justiça e lealdade como valores na maioria das culturas, começa a imaginar que existam alguns traços que indicam um mecanismo moral comum a toda uma espécie”*.

Naturalmente, enquanto esses padrões comuns entre diferentes culturas sugerem um mecanismo psicológico, não é possível assumir que isso seja uma regra. Haidt e Joseph mergulharam na literatura da psicologia da evolução para identificar teorias evolucionárias bem estabelecidas que ajudassem a explicar os padrões que eles encontraram. Quando completaram o processo, chegaram a seis mecanismos, que rotularam de módulos ou fundamentos que se mostraram excelentes explicações para as raízes biológicas da moralidade. Os seis módulos, que já mencionei anteriormente são:

O Módulo dos Cuidados e Danos

O Módulo da Justiça e Fraude

O Módulo da Lealdade e Traição

O Módulo da Autoridade e Subversão

O Módulo da Liberdade e Opressão

O Módulo da Santidade e Degradação

Se você quiser se aprofundar nesse tema, acesse

<http://faculty.virginia.edu/haidtlab/mft/index.php>

Os seis Módulos Morais

a. O Módulo dos Cuidados e Danos

Enquanto nosso legado evolutivo sugere que esse módulo começa com os cuidados da mãe com suas crias, acredita-se que em algumas espécies, incluindo a nossa, esse mecanismo se estende aos pais. O processo adaptativo que desenvolveu esse mecanismo é claro: dada a quantidade de tempo e energia que temos de investir em criar outro ser humano viável, a evolução favoreceu as mulheres e, em menor extensão, os homens que reagem mais rapidamente aos sinais de necessidades ou sofrimento das crianças, como o choro, por exemplo. O sofrimento de nossos filhos é o gatilho original do módulo Cuidados e Danos.

Esse módulo existe para vencer os desafios adaptativos de criar nossos filhos com sucesso, mas é flexível o suficiente para se estender a outros organismos que lembram nossas crianças, incluindo os filhos de outras pessoas, assim como animais ou outros organismos que sofrem. Se estende a outras criaturas em diferentes épocas e lugares e para diferentes indivíduos. Haidt indica que hoje em dia nos preocupamos mais com a violência contra diversas classes de vítimas do que nossos avós se preocupavam no passado.

Meu pitaco: Me lembro, entre tantas coisas, de ver uma ilustração dos anos 1920 ou 1930, mostrando expedições que gente rica realizava de barcos pelos rios, não me lembro se nos Estados Unidos ou África, onde o passatempo era atirar nos animais que apareciam nas margens. Por esporte ou lazer. Imaginar algo assim hoje em dia é impensável. Felizmente os contextos históricos mudam, existem progressos morais que colocam problemas de formas diferentes. No Podsumário 24, comentei que “culturas mudam de forma tanto superficial quanto profunda. Quando éramos jovens, os cigarros ficavam na frente do balcão, com os preservativos atrás. Hoje os preservativos estão à frente e os cigarros atrás”.

Isso tem tudo a ver com aquela frase que uso em minha palestra Tudo Bem Se Me Convém, de autoria de Augusto Branco: A moral e a ética são duas invenções humanas que dependem muito do espaço geográfico e temporal que você ocupa.

Haidt ainda afirma que quando se trata de política, o pessoal mais progressista e ligado à esquerda tende a colocar mais foco e energia no módulo dos Cuidados e Danos do que os conservadores.

Resumo: o módulo do Cuidado e Dano evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de cuidar de crianças vulneráveis. O que nos torna sensíveis aos sinais de sofrimento e necessidades e nos faz desprezar a crueldade e querer cuidar daqueles que sofrem.

b. O Módulo da Justiça e Fraude

O módulo da justiça e fraude consiste de uma inclinação a se comportar com gentileza em relação a estranhos, ou ao menos dar-lhes o benefício da dúvida. E também em responder a eles da mesma forma que respondem a nós. Se uma pessoa se dirige a nós de forma gentil e com cuidado, nos sentimos impelidos a responder da mesma forma, motivados que somos pelas emoções da gratidão e da culpa. Criamos assim uma espiral positiva que forma uma atmosfera de colaboração e cooperação entre as pessoas. Mas se a outra pessoa responder de forma rude ou com a intenção de nos explorar, imediatamente nos inclinamos a responder na mesma moeda, ou então buscar vingança pelo insulto recebido, motivados que somos pelas emoções da raiva, desprezo e aversão. Essa estratégia é geralmente referida por olho por olho.

Meu pitaco: O princípio da justiça capturado pela expressão "olho por olho, dente por dente" é chamado lei de talião (ou lei de retaliação), que foi criada na Mesopotâmia. Em resumo, a lei exige que o agressor seja punido em igual medida do sofrimento que ele causou. Originalmente, a lei aparece no código babilônico do Rei Hamurabi, 1.770 antes de Cristo, antecedendo os livros de direito judeus por centenas de anos. Ao todo, o código tinha 282 artigos a respeito de relações de trabalho, família, propriedade, crimes e escravidão. Dentre elas, a lei do talião.

O conjunto de leis diz que se um homem arrancar o olho do outro, este deverá também ter o olho arrancado. Se o caso envolveu dentes quebrados de alguém, quem causou também deveria ter esse fim. Daí o nome da tal famosa lei do "olho por olho, dente por dente". No livro, Haidt chama de "tit for tat", termo inglês que quer dizer "retaliação equivalente"

O módulo da justiça e fraude parece ter se desenvolvido para atender ao desafio adaptativo de tirar vantagem da cooperação mútua, que beneficia todas as partes envolvidas. Mas precisa que as pessoas joguem limpo e ninguém tire proveito na relação, o que implica na punição dos fraudadores. Haidt explica que por milhões de anos, nossos ancestrais enfrentaram o desafio de obter benefícios sem serem enganados. Aqueles cujas emoções morais os impeliram para o olho por olho, obtiveram mais benefícios que os que tentaram outras estratégias, por exemplo, ajudar a todos que precisam. Isso é um convite a ser explorado. E tirar alguma vantagem sem dar nada em troca, faz com que ninguém queira colaborar com você.

Resumo: o módulo da Justiça e Fraude evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de colher os benefícios da cooperação sem ser explorado. Isso nos torna sensíveis às atitudes de outras pessoas, que nos indicam se elas serão boas ou más parceiras. É isso que nos faz querer evitar ou punir os trapaceiros.

c. O Módulo da Lealdade e Traição

O módulo da lealdade e traição consiste na predisposição a desenvolver afeição por aqueles que mostram lealdade ao grupo a que pertencem, assim como ódio àqueles que traírem esses grupos. O amor dos companheiros de time leais equipara-se ao ódio aos traidores, que geralmente são considerados muito piores que os inimigos.

O módulo da lealdade e traição evoluiu em resposta aos desafios adaptativos de formar alianças consistentes, que se mostraram muito benéficas em nosso passado evolucionário, quando os conflitos entre tribos e grupos era parte natural da vida. Existe hoje ampla evidência de que a guerra era um estado constante da vida humana, muito antes da agricultura e da propriedade privada. Esse legado de conflito e guerra parece vir de nossas origens, ainda como macacos. Hoje já se sabe que os chimpanzés, com quem dividimos um ancestral comum, guardam seus territórios, invadem o território de rivais e matam os machos inimigos, ficando com seus territórios e fêmeas.

Meu pitaco: talvez a melhor demonstração de funcionamento desse módulo seja encontrada dentro dos estádios de futebol, em meio às torcidas organizadas. Aquilo é uma ação tribal por excelência, você coloca a camiseta, canta as músicas da tribo,

faz os movimentos coordenados da tribo, saúda com a saudação da tribo e, não raro, parte para a violência em defesa dos membros da tribo no caso de ataque por tribos contrárias. Existem muitos estudos sobre como perdemos nossos freios morais quando em grupo, entrando numa espécie de transe tribal, onde a lealdade à tribo é o elemento mais importante. Eu ataco o inimigo mesmo que a culpa tenha sido do meu colega de tribo. E aí de quem trair nossa tribo...

As emoções de lealdade e traição tendem a ser mais fortes quando somos colocados em confronto com outros grupos. Parece que nossas raízes tribais continuam muito fortes, a ponto de, quando não temos grupos rivais, formamos panelinhas dentro de nossos próprios grupos, apenas pelo prazer de competir.

Resumo: o módulo Lealdade e Traição evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de formar e manter coalizões. Isso nos torna sensíveis a sinais de que a outra pessoa é (ou não) um jogador de equipe. O que nos faz confiar, recompensar, punir ou colocar no ostracismo outras pessoas.

d. O Módulo da Autoridade e Subversão

O módulo da autoridade e subversão evoluiu para nos permitir negociar hierarquias sociais, que cumpriram um papel fundamental na evolução humana. A hierarquia social em nosso passado evolucionário foi muito diferente da hierarquia social dos outros animais, assim como das hierarquias sociais que surgiram na humanidade em tempos recentes. Haidt explica que em sua forma tradicional, a autoridade humana não é apenas o poder bruto, suportado pela ameaça do uso da força. As autoridades humanas também assumem a responsabilidade por manter a ordem e a justiça. As raízes das hierarquias humanas não são, portanto, apenas sobre dominação e submissão. Pessoas que se relacionam entre si têm expectativas mais parecidas com as de pais com filhos do de ditador com súditos temerosos. Nesse tipo de relacionamento, a autoridade é reconhecida como legítima aos olhos dos subordinados e é baseada na autoridade e na proteção que a autoridade provê. Alguns exemplos familiares são a hierarquia militar, a adoração aos ancestrais e a expectativa por proteção e normas que regulem a sociedade. Além da moralidade de certas religiões monoteístas.

Algumas autoridades exploram aqueles que estão abaixo, em benefício próprio, mas Haidt faz questão de apontar que a hierarquia social vai muito além disso e é uma parte importante da criação da ordem social.

A natureza do módulo da autoridade e subversão consiste de duas disposições separadas, nos extremos opostos da hierarquia social. Por um lado, a predisposição de sinalizar deferência àqueles que estão acima de nós, assim como mostrar dominância, e proteção dos que estão abaixo. É possível aumentar seu status cultivando a proteção dos superiores e a fidelidade dos subordinados.

Meu pitaco. Cara, esta parte é fundamental para compreender como funciona a política corporativa, no ambiente de trabalho. Ela consiste exatamente em cultivar a proteção dos superiores e a fidelidade dos subordinados. Todo profissional procura um padrinho poderoso que o ajude a conquistar status na empresa. Aliás, todas empresas têm suas tribos internas e é possível reconhecer claramente os diversos grupos e quem é protegido por quem. Essa dinâmica existe em qualquer tipo de interação humana, até mesmo numa penitenciária. Quem não tem um protetor acima na hierarquia, terá de abrir caminho sozinho, o que é muito complicado. E não me refiro aqui a puxar o saco, mas a demonstrar para seus superiores o valor que você pode agregar, tornando-se assim uma peça preciosa para eles. Ao mesmo tempo, sua fidelidade é a cola que fará com que você cresça junto com sua liderança.

Resumo: o módulo da Autoridade e Subversão evoluiu em resposta ao desafio adaptativo de forjar relacionamentos que nos beneficiarão nas hierarquias sociais. O que nos torna sensíveis a sinais de classificação ou status, e aos sinais de que outras pessoas estão (ou não) comportando-se adequadamente, de acordo com a sua posição.

e. O Módulo da Liberdade e Opressão

Se o módulo da Autoridade e Subversão tem a ver com a hierarquia social reconhecida como legítima por aqueles que estão dentro dela, o módulo da Liberdade e Opressão é aquele no qual a figura da autoridade é considerada ilegítima por seus subordinados. Todos reconhecemos certos tipos de autoridades como legítimas em alguns contextos,

mas também desconfiamos daqueles que dizem ser líderes, até que eles conquistem nossa confiança. Ficamos atentos para sinais de que eles possam ter cruzado a linha para a autopromoção e a tirania. E é da natureza humana obter mais ganho quanto mais exploradores somos, portanto há sempre o potencial de que os líderes se percam no autoritarismo, egoísmo e tirania.

Antes de desenvolver armas e inteligência, as competições pela dominância eram ganhas exclusivamente na força bruta. Naquele tempo, qualquer demonstração de rebeldia contra um macho alfa terminaria com o rebelde tomando uma surra. Mas com o desenvolvimento de armas sofisticadas a balança de poder se equilibrou, e os machos poderosos se tornaram vulneráveis como qualquer outra pessoa. Com uma lança, qualquer um podia matar um macho-alfa. Junte a isso a capacidade de se comunicar pela linguagem, e como consequência a fofoca sobre violações morais, e fica fácil compreender como os humanos desenvolveram a habilidade de se unir para envergonhar, ofender, colocar no ostracismo ou matar qualquer um cujo comportamento ameaçasse ou simplesmente incomodasse o resto do grupo.

Assim, teria havido uma pressão pelo desenvolvimento de um gatilho para a rebelião contra um macho alfa tirânico. Indivíduos que falhavam em detectar sinais de dominação e responder com a raiva em grupo, corriam o risco de perder acesso à comida, à procriação e todas as coisas que o fariam ter sucesso em passar adiante seus genes. Assim evoluiu o módulo da liberdade e dominação, que é acionado por sinais de tentativa de dominação. Qualquer sinal de agressividade ou comportamento controlador do macho ou fêmea alfa, dispara essa forma de raiva justificada, que é aquela sensação que você sente quando uma autoridade diz que você não pode fazer alguma coisa e você sente ainda mais vontade de fazer.

O resultado desse mecanismo é que aqueles que não conseguem aceitar as normas do grupo ou agem como ameaçadores, foram removidos da tribo e seus genes não entraram no processo evolucionário. Os genes e as práticas culturais, como a matança coletiva dos que não seguiam as normas, evoluíram juntos. No fim, os seres humanos acabaram domesticando a si próprios no processo. Nossos ancestrais começaram a se cruzar de forma seletiva, mesmo de forma não intencional, ao construir matrizes morais compartilhadas e viver em cooperação. Não é fascinante?

Resumo: o módulo da Liberdade e Opressão vive em constante estado de tensão com o módulo da Autoridade e Subversão. Ambos trabalham em conjunto para criar um equilíbrio frágil entre igualdade e hierarquia. Esse mesmo equilíbrio frágil aparece quando lidamos com política. O módulo liberdade e opressão faz com que as pessoas percebam e se ressentam de qualquer sinal de tentativa de dominação. Ele desencadeia o desejo de união para resistir ou derrubar valentões e tiranos. Esse módulo apoia o igualitarismo e o antiautoritarismo da esquerda, bem como a raiva antigovernamental dos liberais e de alguns conservadores.

f. O Módulo da Santidade e Degradação

O Módulo da Santidade e Degradação consiste na predisposição para identificar certos objetos, lugares, princípios, atos e pessoas como baixos, básicos e profanos ou então puros, nobres ou sagrados. Identificamos as entidades como um ou outro com base na influência que sofremos das culturas e comunidades das quais fazemos parte. Crenças e sistemas de crenças relacionados ao sagrado e profano tendem a ser codificados por religiões organizadas. Muitas religiões falam sobre a santidade da vida e a santidade do casamento, por exemplo, e tendem a ver o corpo humano como um templo, que guarda dentro de si uma alma, e não como uma máquina a ser otimizada, ou um playground a ser utilizado para diversão.

Mas as crenças relacionadas ao sagrado e profano não estão confinadas a religiões. Haidt afirma que essas noções são usadas também numa espécie de roubo espiritual. Por exemplo, a função original de purificação do módulo da Santidade e Degradação pode ser vista nas farmácias que vendem uma infinidade de produtos que prometem limpar você de toxinas. As paixões morais desse módulo podem ser encontradas nos movimentos ambientais. Muitos ambientalistas acusam o industrialismo, o capitalismo e os automóveis não só pela poluição física que criam, mas por um outro tipo mais simbólico de poluição, a degradação da natureza e da natureza original da humanidade, que foram corrompidas pelo capitalismo industrial.

Noções do sagrado e do profano tendem a ser compartilhadas entre as comunidades, servindo como um vínculo. Qualquer que sejam suas origens, a psicologia do sagrado ajuda a congregar os indivíduos em comunidades morais. É o poder dessas crenças que

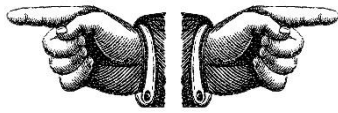
age como uma espécie de cola social que explica porque Haidt considera o módulo da Santidade e Degradação como um módulo moral. Tudo aquilo que nos permite viver em comunidade cooperativamente pode ser categorizado dentro dos domínios da moral.

Com relação às origens evolucionárias do módulo da Santidade e Degradação, Haidt aponta a antiga emoção da repugnância. Essa emoção inicialmente evoluiu para ajudar a proteger nossa espécie onívora de alimentos potencialmente perigosos. Indivíduos que tinham um senso de repugnância bem calibrado podiam consumir mais calorias que seus pares que de tudo tinham nojinho. E também consumiam menos micróbios que seus pares que não tinham nojo de nada. Quando nossos ancestrais desceram das árvores e começaram a viver em grupos maiores, a comida deixou de ser a única ameaça que os deixava doentes. O psicólogo Mark Sachaller mostrou que a repugnância é parte do que ele chama de “sistema imunológico comportamental”, um conjunto de módulos cognitivos que são acionados por sinais de infecção ou doença em outras pessoas e nos fazem querer ficar longe delas.

Uma vez que o sistema imunológico comportamental foi instalado, amadureceu para ser modificado por influências culturais e para se estender a outras ameaças aos indivíduos dentro do grupo, assim como os grupos em si. Um exemplo dessas outras ameaças são os membros de outros grupos. Pragas, epidemias e novas doenças são normalmente trazidas por estranhos, e esses mesmos estranhos também trazem novas ideias que incomodam o grupo, e assim são identificados como ameaças em duas frentes. Estrangeiros também trazem inovações, bens e tecnologias que podem se mostrar benéficas para o grupo, e as sociedades enfrentam o desafio de equilibrar xenofobia com xenofilia. Esse dilema é especialmente importante na arena política.

Resumo: o módulo da Santidade e Degradação evoluiu inicialmente em resposta ao desafio adaptativo do dilema do onívoro e, em seguida, ao desafio mais amplo de viver em um mundo de patógenos e parasitas. Inclui o sistema imunológico comportamental, que pode nos deixar cautelosos com uma variedade diversa de objetos simbólicos e ameaças. Permite que as pessoas invistam em objetos com valores irracionais e extremos – tanto positivos como negativos – que são importantes para manter os grupos unidos.

Haidt mostra como as duas pontas do espectro político, à direita e à esquerda, dependem de cada módulo moral de maneiras diferentes, ou em diferentes graus. Parece que a esquerda se baseia principalmente nos módulos Cuidado e Justiça, enquanto a direita usa todos os seis. Se isso é verdade, será que a moralidade de esquerda ativa apenas um ou dois receptores de gosto, enquanto a moral da direita acolhe um paladar mais amplo, incluindo lealdade, autoridade e santidade? E, em caso afirmativo, isso dá aos políticos conservadores uma variedade mais ampla de meios para se conectar com os eleitores?



O tribalismo humano

Cada um dos seis módulos morais apresentados representa um aspecto da psique humana que teve uma evolução biológica que possibilitou os membros de nossa espécie a coexistir e cooperar em grupo. Cada um dos módulos é muito antigo, tendo evoluído ao longo dos últimos 200 mil anos e, em muitos casos, ao longo de milhões de anos. Experiências mostraram que alguns módulos existem em nossos ancestrais evolucionários, os chimpanzés.

Mas existe uma outra camada de equipamento biológico que evoluiu para nos preparar para a vida em tribos. Haidt diz que é uma espécie de ultrassocialidade que nos liga fortemente aos grupos aos quais pertencemos e nos coloca contra os grupos adversários. No livro, Haidt chama de “groupishness”, que eu traduzi por “tribalismo”, e que consiste numa mentalidade de colmeia. Esse tribalismo não domina os seres humanos, mas é ativado por circunstâncias particulares. Não significa que nossos ancestrais eram jogadores de equipe alucinados ou incondicionais, mas que eram seletivos. Sob condições certas, eram capazes de entrar no estado mental do “um por todos, todos por um” no qual trabalhavam verdadeiramente para o bem do grupo e não apenas por seu progresso individual dentro do grupo. Temos a habilidade de transcender nossos interesses pessoais para abraçar algo maior que nós mesmos. Haidt chama essa habilidade de “hive switch”, que numa tradução livre pode ser o “botão que aciona o espírito de colmeia”.

Meu pitaco. É praticamente impossível não viajar nessa comparação de nossa vida em sociedade com a vida das abelhas em suas colmeias. No mundo das abelhas não se fala no singular, no indivíduo. As colmeias são estruturas sociais perfeitamente organizadas onde cada um desenvolve a tarefa que lhe cabe. É trabalho de equipe na veia. Ou no mel. Nas colmeias cada abelha sabe exatamente do papel que lhe cabe, e atua obedecendo a um plano coletivo. Os privilégios e deveres são repartidos de forma igualitária. É claro que isso tudo só funciona pela inexistência de um pensamento racional nas abelhas, de emoções humanas como inveja, raiva, gratidão. Por isso é tão complexo impor o comportamento de colmeia ao agrupamento de humanos. Exige que as pessoas abram mão de suas individualidades. E a história conta o que aconteceu com os regimes que tentaram

organizar sociedades como colmeias. Na última contagem, falava-se em 200 milhões de mortos.

As evidências para o tribalismo humano se mostram no fato de que amamos nos juntar a grupos, clubes, ligas e fraternidades. Assumimos a identidade dos grupos e trabalhamos lado a lado com estranhos na direção de um objetivo comum tão entusiasticamente que parece que nossas mentes foram desenhadas para trabalhar em equipe.

Meu pitaco. Os acontecimentos na Confraria Café Brasil, por exemplo, são uma amostra excelente de como esse “espírito de colmeia”, esse tribalismo se revela. Pessoas que não se conhecem, que nunca se viram, se juntam para cumprir tarefas que não lhes trarão nenhum benefício direto. Sacrificam seu tempo, seu dinheiro e sua energia pela sensação de ajudar o grupo a realizar uma missão. Isso implica numa alta dose de generosidade, na capacidade de dar valor àquilo que é intangível e, principalmente, na empatia, a capacidade de se colocar no lugar dos outros. E o mais fascinante: ninguém é obrigado a isso.

Alguns exemplos de práticas que apontam para nosso tribalismo incluem o uso de símbolos que indicam que pertencemos a uma tribo. De tatuagens a piercings usados pelas tribos no Amazonas à circuncisão dos Judeus às tatuagens e piercings faciais dos punks ingleses, os seres humanos praticam atitudes extraordinárias, custosas e algumas vezes dolorosas para que seus corpos anunciem o pertencimento a determinados grupos.

Outro exemplo é a prática do movimento coordenado no tempo, como as danças tribais ou qualquer outra rotina coordenada em grupo, além dos exercícios de treinamento militar. Impossível não lembrar dos Neozelandeses praticando a famosa “Haka”, a dança de guerra antes dos jogos de rugby. Você nunca viu? Então clique aqui: https://www.youtube.com/watch?v=yiKFYTFJ_kw

Outros exemplos, como já falado anteriormente, são as torcidas organizadas, cujas performances, cantos e danças têm a intenção de intimidar o adversário, motivar o próprio time e criar um senso de pertencimento entre os indivíduos que fazem parte

daquele grupo. As rotinas performáticas acionam o tal botão da colmeia e fazem com que as pessoas se sintam, por algumas horas, parte de um todo. Aumentam o espírito de grupo, atraem novos membros, mais doadores, e aumentam a experiência de toda a comunidade, inclusive de quem não tem interesse por esportes.

Haidt afirma que muitos cientistas não compreendem a religião pois falham em reconhecer sua função primária como uma força de ligação entre indivíduos. Esses cientistas ignoram esse princípio e examinam apenas o mais visível, focando nos indivíduos e suas crenças sobrenaturais, em vez de examinar os grupos e suas práticas de ampliação dos vínculos. Aliás, poucos grupos são mais bem-sucedidos que as religiões quando se trata de práticas para aumentar os vínculos. Numerosos estudos mostraram que a religião é uma ferramenta extremamente eficiente para construir confiança e cooperação entre grupos. Grande parte desse poder das religiões vem da crença em um Deus ou deuses. Não é preciso ser um cientista social para perceber que as pessoas se comportam de forma menos ética quando sabem que ninguém está olhando. Criar deuses que podem ver tudo e que odeiam os trapaceiros e traidores de juramentos é uma forma excelente de reduzir as trapaças e a quebra de juramentos.

O tribalismo e a questão da seleção de grupos

Muitos cientistas acreditam que esse nosso tribalismo evoluiu no nível da seleção individual. Temos mentes tribais hoje porque indivíduos tribais derrotaram indivíduos menos tribais dentro dos mesmos grupos. Isso explica parcialmente nosso comportamento de colmeia. Para Haidt, nosso tribalismo vai além da seleção individual, pois evoluiu a nível de grupo. Temos mecanismos tribais porque grupos que foram bem-sucedidos em cooperar, derrotaram grupos que foram menos bem-sucedidos nessa atitude, um processo que foi selecionando indivíduos verdadeiramente comprometidos com o grupo, e não apenas os que pareciam ter compromisso. Indivíduos competem com indivíduos, e essa competição premia o egoísmo, o que inclui algumas formas de cooperação estratégica. Mas ao mesmo tempo, grupos competem com grupos e essa competição favorece grupos compostos por gente que trabalha verdadeiramente em equipe, que está disposta a cooperar e trabalhar para o bem do grupo, mesmo quando poderiam se dar bem enganando, relaxando ou simplesmente abandonando a tribo.

A teoria da seleção de grupos gerou polêmica nas ciências sociais por anos. Darwin propôs a seleção de grupos quando introduziu sua teoria da seleção natural, mas a forma como a teoria foi abordada acabou gerando fantasias como a tese de que certos animais agiram pelo bem da espécie ou do ecossistema.

Em 1966, o biólogo George Williams publicou um livro chamado “Adaptação e Seleção Natural” onde apontou como eram fantasiosas essas afirmações, argumentando que a maioria delas podiam ser explicadas pela seleção individual. O livro foi tão impactante que, daquele momento em diante, a teoria da seleção de grupos foi desconsiderada. No entanto, diversos cientistas sociais achavam que a seleção de grupos poderia ser possível, sob as condições certas. Nas espécies ultrassociais, como formigas, vespas, abelhas e cupins, parecia claro que a seleção de grupos estava presente.

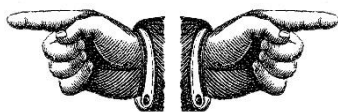
As condições que prevaleceram entre as espécies ultrassociais e que permitiram que a seleção de grupos acontecesse entre elas também dominaram a história evolutiva de nossa própria espécie. Essas condições incluíam:

- a. A necessidade de defender sua morada***
- b. A necessidade de alimentar suas crias durante longos períodos***
- c. A presença de conflitos dentro dos grupos***

Como essas condições também foram válidas para nossa espécie, Haidt conclui que a seleção de grupos também fez parte de nossa evolução. Especialmente pela profundidade com que o tribalismo está enraizado em nossa espécie.

Pode não parecer importante se evoluímos pela seleção de grupos ou individual, mas para Haidt isso faz toda a diferença, já que significa que nossa psicologia contém uma dimensão que é em sua natureza orientada para o grupo. Isso significa que nem todo comportamento humano pode ser reduzido a interesse próprio. Alguns comportamentos só surgem pelo bem do grupo ao qual pertencemos, e se isso é verdade, traz enormes implicações sobre como devemos desenhar nossas organizações, estudar a religião e buscar sentido e alegria em nossas vidas.

E é então que começamos a compreender como nossos fundamentos morais podem ser modificados por fatores internos e externos.



Culturas Individualistas e Socialmente Centradas.

Uma das maiores diferenças entre as sociedades tem a ver com como elas respondem a questão do equilíbrio das necessidades constantemente conflitantes dos indivíduos e grupos. Parece haver duas formas primárias de responder a essa questão. A maioria das sociedades escolhe a resposta socialmente centrada, colocando as necessidades dos grupos e instituições em primeiro lugar. A resposta oposta coloca o indivíduo no centro e faz com que a sociedade o sirva. Essa segunda resposta começou a surgir com o iluminismo, um processo desenvolvido na Europa do século XVIII para corrigir as desigualdades da sociedade e garantir os direitos naturais do indivíduo, como a liberdade e a livre posse de bens. Foi então que a ideia da autonomia e importância do indivíduo começou a ocupar um espaço. No Ocidente, aos menos, a resposta individualista derrotou a socialmente centrada durante o século vinte. Conforme os direitos individuais foram rapidamente se expandindo, a cultura do consumo se consolidou e o mundo ocidental reagiu horrorizado aos malefícios perpetrados pelos impérios ultra socialmente centrados fascistas e comunistas.

Enquanto isso, no resto do planeta, a visão socialmente centrada continuou a prevalecer. O resultado foi que terminamos com dois tipos muito diferentes de sociedades, que têm ideias muito distintas sobre liberdades e direitos individuais.

Por exemplo, quando solicitados a escrever vinte frases que começam com as palavras “eu sou”, os norte americanos se mostram mais inclinados a descrever suas características psicológicas internas. Sou feliz, extrovertido, interessado em jazz, etc. Já os Asiáticos listam seus papéis e relacionamentos na sociedade. Sou um filho, um marido, um empregado da empresa X, etc.

As diferenças entre os membros dessas duas sociedades se estendem inclusive para o campo da percepção visual. Os ocidentais tendem a ver os elementos numa imagem como entidades independentes, enquanto os Asiáticos tendem a ver o relacionamento entre as partes. Essa diferença permite que os dois sejam excelentes para diferentes tipos de tarefas visuais.

Como podemos esperar, um dos principais pontos de conflito entre as sociedades individualistas e as socialmente centradas está na forma como seus componentes veem a moralidade. E a melhor forma de compreender essa diferença é usar os seis módulos da moralidade.

Como as sociedades individualistas colocam ênfase na autonomia do indivíduo, elas tendem a amplificar os módulos morais que focam nos direitos individuais, como o módulo do cuidado, o da justiça e o da liberdade. Em contraste, as sociedades socialmente centradas colocam ênfase na importância dos grupos e, assim, tendem a dar maior peso para os módulos que focam na coesão dos grupos, o da lealdade, da autoridade e da santidade. Os dois tipos de sociedade abraçam os seis módulos, o que difere é em quais elas colocam a ênfase.

A Direita e a Esquerda no Ocidente

Como já mencionado, os ocidentais tendem a ser mais individualistas e colocam mais ênfase nos módulos morais que enfatizam a autonomia do indivíduo acima dos grupos. Mas mesmo que isso seja geralmente verdadeiro e relativo em relação ao resto do mundo, existem grandes discordâncias entre os ocidentais, especialmente entre a direita e a esquerda.

A principal parte dessa discordância reside no fato de que as duas facções discordam sobre a natureza e os fundamentos da sociedade. Como resultado, discordam sobre aquilo que uma sociedade funcional deveria ser. Haidt cita o sociólogo Christian Smith, que ajuda a caracterizar a visão da esquerda, assim:

Uma vez, a vasta maioria das pessoas sofreu em sociedades que eram injustas, doentias, repressivas e opressivas. Essas sociedades tradicionais eram condenáveis por

causa da desigualdade, exploração e tradicionalismo irracional que exibiam. Mas a nobre aspiração humana por autonomia, igualdade e prosperidade lutou bravamente contra as forças da miséria e da opressão e eventualmente foi bem-sucedida no estabelecimento de sociedades modernas, liberais, democráticas, capitalistas e generosas no bem-estar social. Apesar das condições da sociedade moderna terem o potencial de maximizar a liberdade individual e o prazer para todos, ainda há muito a ser feito para dismantelar os poderosos vestígios da desigualdade, exploração e repressão. Essa luta pela sociedade dos sonhos na qual os indivíduos são iguais e livres para buscar aquilo que definem como felicidade é considerada pela esquerda uma missão que vale a dedicação de uma vida.

Para caracterizar a visão da direita, Haidt mais uma vez cita Christian Smith, que se refere à América do Norte, mas se substituirmos “America” pela palavra “sociedade”, teremos a visão conservadora do mundo ocidental:

Uma vez a sociedade foi um farol luminoso. A esquerda chegou e criou uma enorme burocracia federal que algemou a mão invisível do livre mercado. Ela subverteu os valores tradicionais da sociedade, opondo-se a Deus e à fé a cada passo dado. Em vez de exigir que as pessoas trabalhassem para viver, confiscou o dinheiro dos que trabalhavam duro para dá-lo a viciados em drogas e amigos do rei. Em vez de punir criminosos, tentou “entendê-los”. Em vez de se preocupar com as vítimas dos crimes, preocupou-se com os direitos dos criminosos. Em vez de aderir aos valores tradicionais da sociedade, como família, fidelidade e responsabilidade pessoal, prega a promiscuidade, o sexo antes do casamento e um tipo de vida libertário. E encoraja a agenda feminista que enfraquece os papéis tradicionais da família. Em vez de lançar toda força contra aqueles que espalham o mal pelo mundo, corta os orçamentos militares, desrespeita nossos soldados uniformizados, queima nossas bandeiras e escolhe a negociação e o multilateralismo. Os norte americanos decidiram pegar de volta o país das mãos daqueles que queriam enfraquecê-lo.

Meu pitaco: onde o autor escreveu multilateralismo, hoje seria globalismo, aquela situação em que as políticas externas dos países deveriam ser controladas por um organismo global centralizado. Globalismo não é globalização. São coisas diferentes.

Quando comparamos as duas narrativas usando os seis módulos morais, descobrimos que a visão da esquerda está totalmente desprovida dos módulos da lealdade, autoridade e santidade, que a visão da direita tanto respeita. Alguns exemplos incluem a lealdade com os soldados e a bandeira; a autoridade com a subversão da família e das tradições; e a santidade, ao colocar no lugar de Deus a celebração da promiscuidade.

Apesar das duas narrativas apresentarem elementos dos módulos do cuidado, justiça e liberdade, o fazem em diferentes graus e formas. Quando olhamos o módulo dos cuidados, a esquerda se inclina em sua direção, e o cuidado é dirigido primariamente para as vítimas da exploração. Para a direita, o módulo do cuidado é muito menos importante no nível político. A direita é muito mais inclinada a dizer que o cuidado deve ser centrado na família e nas organizações locais das quais faz parte, já que acredita que é importante mostrar cuidado primariamente com as vítimas dos crimes.

Quando se trata de justiça, a direita interpreta como a capacidade de manter aquilo que você obtém pelo trabalho, sem ter de redistribuir para aqueles que não trabalharam por isso. A esquerda interpreta como neutralizar as vantagens que alguns indivíduos naturalmente têm, redistribuindo a riqueza dos que eles chamam de privilegiados, para os mais desafortunados.

Quando se trata de liberdade, a esquerda a interpreta como liberdade de todas as formas de opressão hierárquica, o que muitas vezes precisa da intromissão do governo, enquanto a direita vê a liberdade primariamente como livrar-se da intromissão do governo.

Essas afirmações foram todas comprovadas por pesquisas que Haidt e seus colegas realizaram. Você pode participar do Questionário de Fundamentos Morais acessando <http://bit.ly/fundamentosmorais>

Explicando o Abismo Entre Direita e Esquerda

Acredita-se que o abismo entre direita e esquerda se refere à luta de classes e distribuição de riqueza, e que os dois lados votam conforme seus interesses próprios. Em outras palavras, os ricos votam com os conservadores para minimizar a quantidade de impostos e taxas que o governo faz para distribuir aos mais pobres. E os pobres votam nos progressistas para maximizar a distribuição da riqueza arrecadada. Ainda que haja alguma verdade nessas afirmações, em alguns casos, pesquisas demonstraram que a distribuição de riqueza, por si, não é um bom argumento para prever os votos de cada parte. Na América do Norte, os ricos atuam das duas formas, os industriais mais para a direita, os bilionários da tecnologia mais à esquerda. E os pobres fazem o mesmo, os pobres rurais mais à direita, os urbanos mais à esquerda.

Então, se o interesse próprio não explica as visões políticas, para onde devemos olhar? Se tivermos de escolher entre a biologia e o ambiente, provavelmente vamos para o senso comum: é o ambiente. Mas na verdade, nossas crenças políticas são herdadas, e nossa natureza tem um papel mais importante que nossa educação. A genética explica entre de 30% a 50% da variabilidade das pessoas conforme suas atitudes políticas.

Ser criado num ambiente de esquerda ou conservador conta menos do que nossa genética. Essa descoberta foi feita ao longo dos anos 1980 quando cientistas sociais lançaram o primeiro estudo com gêmeos. Os pesquisadores compararam gêmeos fraternos e idênticos criados no mesmo ambiente com os criados em ambientes separados, adotados por famílias diferentes. Além de descobrir que as preferências políticas são herdadas, também se descobriu que os genes contribuem de alguma forma em todos os aspectos de nossas personalidades. E não apenas nas questões de QI, problemas mentais e traços básicos de personalidade como a timidez, por exemplo. Não se trata de quanto você gosta de jazz, comida apimentada ou arte abstrata, nem da probabilidade de se divorciar ou morrer num acidente de automóvel; muito menos do seu grau de religiosidade e de orientação política.

Mas como é possível existir uma base genética para atitudes relacionadas à energia nuclear, impostos progressivos e ajuda estrangeira, quando esses assuntos só surgiram nos últimos dois séculos?

Os traços de personalidade dos direitistas e esquerdistas

As diferenças entre direita e esquerda parece que vêm de dois fatores genéticos, que têm a ver com dois traços de personalidade:

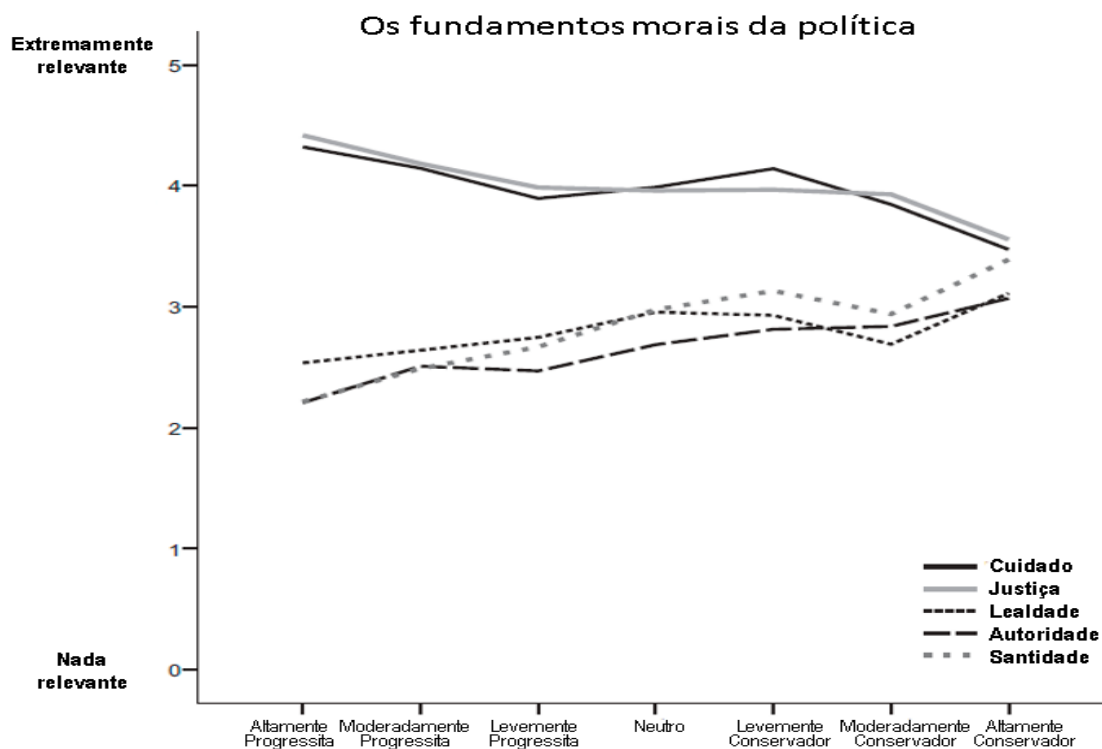
- a. Quão sensíveis somos às ameaças e perigo*
- b. Quão abertos somos para novas experiências*

Pesquisadores descobriram que os conservadores reagem mais fortemente que os progressistas a sinais de perigo, incluindo a ameaça de germes e contaminação. Por outro lado, os progressistas são muito mais receptivos à abertura para novas experiências e busca de novas sensações. E esses dois traços de personalidade são altamente hereditários.

Então, como tirar algum sentido disso? Ajuda lembrar que as pessoas da direita são chamadas de “conservadores” pois são mais relutantes às mudanças e preferem “preservar e conservar”. Isso se encaixa com o traço de personalidade de ser mais sensível às ameaças e perigo, aquelas coisas que as mudanças sempre trazem, e também ser menos abertos a novas experiências e busca de sensações.

Por outro lado, as pessoas na esquerda são chamadas de “progressistas” por uma razão: são mais abertas às mudanças e geralmente desejam acelerá-las. Isso se encaixa perfeitamente em ser menos sensível às ameaças e perigos e mais abertos a novas experiências.

Há um gráfico interessante que mostra a importância de cinco dos módulos morais de Haidt para os vários aspectos da direita e esquerda:



Esse gráfico merece um estudo detalhado, pois mostra a intensidade de cada módulo moral conforme a visão de mundo do indivíduo.

Jonathan Haidt fez uma palestra no TED Talks sobre as raízes morais dos progressistas e conservadores, que você pode assistir clicando aqui:

https://www.ted.com/talks/jonathan_haidt_on_the_moral_mind

As visões dos direitistas e esquerdistas sobre a natureza humana

A maioria dos direitistas tende a ser mais pessimista que os esquerdistas sobre a natureza humana. Conservadores geralmente acreditam que as pessoas precisam de controles externos para se comportarem corretamente, cooperar e prosperar. Esses controles externos incluem leis, instituições, costumes, tradições, nações e religiões. Sem elas, o capital social rapidamente entra em declínio.

Por outro lado, os progressistas são mais otimistas, pois tendem a acreditar que as pessoas são inerentemente boas, e brilham quando controles e divisões são removidos.

Meu pitaco: usei uma vez uma metáfora dos dois caçadores na idade da pedra. Eles veem ao longe uma árvore com um fruto, e precisam chegar até lá. Um caçador se preocupa com os predadores ou com a tribo inimiga, quer investir em armas e numa estratégia segura. Para ele, permanecer vivo, livre das ameaças e dos perigos é mais importante. O outro caçador quer partir logo em busca da fruta, acha que conversando com a outra tribo as coisas se resolvem. E que o risco de aparecer um predador é muito baixo, não vale a pena perder tempo e recursos se armando ou tendo prudência em excesso. Para ele, o fruto é mais importante que a prudência. Aplicando os módulos de Haidt, o primeiro é de direita e o segundo é de esquerda. Se não aparecer nenhum predador ou a tribo inimiga, eles perderam tempo se armando ou sendo prudentes. Mas se aparecer o predador ou o inimigo, a prudência e as armas do primeiro salvarão suas vidas. Qual dos dois está certo?

Essas visões contrastantes da natureza humana podem ser fortemente influenciadas pelos traços de personalidade já mencionados. Quem é naturalmente menos aberto a novas experiências e mais sensível a perigos e ameaças, tem uma visão mais pessimista sobre a natureza humana. E vice-versa. E isso explica porque os conservadores tendem a dar mais ênfase nos módulos morais que focam na coesão dos grupos como lealdade, autoridade e santidade, algo a que os progressistas, com sua visão mais otimista da natureza humana, dão menos importância.

Haidt menciona um estudo que pediu às pessoas que dissessem quais características as tornariam mais ou menos propensas a escolher uma determinada raça de cachorro como animal de estimação. E ele pergunta de que lado do espectro político você acha que esses traços seriam mais atraentes:

- a. A raça é extremamente gentil.
- b. A raça é muito independente e se relaciona com seu proprietário como amigo e igual.

- c. A raça é extremamente leal à sua casa e família e não se irrita rapidamente estranhos.*
- d. A raça é muito obediente e é facilmente treinada para receber ordens.*
- e. A raça é muito limpa e, como um gato, cuida muito com sua higiene pessoal.*

As pessoas querem cachorros que se encaixam em suas próprias matrizes morais. Progressistas querem cães que sejam gentis, que se encaixam nos valores do módulo Cuidado, e se relacionam com seus proprietários como iguais. Conservadores, por outro lado, querem cães que sejam leais – o módulo da Lealdade e obedientes – o módulo da Autoridade. O item Santidade não mostrou inclinação partidária, mas ambos os lados preferiram cães limpos.

Meu pitaco: qual cachorro você acha que o Bolsonaro teria? Um pitbull ou um poodle? E o Marcelo Freixo? O Jean Wyllys? Entendeu?

Os progressistas às vezes querem mais do que a igualdade de direitos para alcançar uma igualdade de resultados, que não tem como ser obtida em um sistema capitalista. Pode ser por isso que a esquerda geralmente favorece impostos mais altos para os mais ricos e maior quantidade de serviços prestados aos pobres e, às vezes uma renda mínima garantida para todos.

Em comparação, os conservadores são mais paroquiais – mais preocupados com seus grupos do que com a humanidade como um todo. Para eles, o módulo Liberdade e Opressão e o ódio à tirania apoiam muitos dos princípios do conservadorismo: não pise em mim com seu Estado babá e altos impostos, não pise em meus negócios com regulamentações opressivas, não pise no meu país com suas Nações Unidas e seus tratados internacionais reduzindo nossa soberania.

Conservadores, portanto, sacralizam a palavra liberdade, não a palavra igualdade.

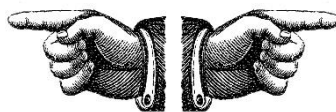
Meu pitaco: tem mais, não é? A direita tende a ser mais cética sobre as possibilidades de mudança do ser humano, por isso prega punição mais pesada para os criminosos, enquanto a esquerda é mais otimista e fala em reabilitação. Quando se trata de política externa, a esquerda é otimista sobre o poder do diálogo com outras nações,

por isso favorece a diplomacia. A direita, menos otimista, favorece o uso da força em situações de risco. No campo da economia, a direita tende a achar que programas sociais são usados como muletas e abusados por gente que não precisa necessariamente deles. A esquerda acha que as pessoas só recorrem a programas sociais como último recurso, e o uso abusivo dos programas é limitado. Nos negócios, a esquerda espera que o governo crie regulações razoáveis e as aplique de forma justa. A direita teme que essas regulações tenham consequências indesejadas e que o governo abuse de seu poder e as utilize como instrumento de corrupção.

Isso tudo é familiar a você?

Qualquer que seja o evento, é possível perceber como os fatores de diferença das personalidades e as visões contrastantes sobre a natureza humana ajudam a explicar as diferenças de opinião entre direita e esquerda.

E aí? Qual lado é o correto?



Conforme Haidt, os dois lados têm algo a oferecer. É claro que nenhum deles admite que o outro possa ter algo que se aproveite, e isso tem muito a ver com nossa natureza tribal. Enquanto nosso tribalismo nos ajuda a aderir ao nosso lado, também nos faz particularmente hostis à oposição, a ponto de desconsiderar qualquer opinião que venha do outro lado. Nosso tribalismo nos une e nos cega. Nos une ao grupo e nos cega para as virtudes do outro lado. Compreendendo esse fato e entendendo de onde o outro lado vem, nos ajuda a evitar a cegueira e buscar utilidade nos argumentos diferentes ou contrários aos nossos.

No debate político, Haidt foca em duas áreas nas quais acredita que a esquerda tem mais a agregar e duas áreas onde a direita oferece os melhores argumentos.

Os dois pontos da esquerda.

Os governos podem e devem regular as corporações. Para Haidt, não há nada errado com as corporações. Ele acredita que muita coisa boa vem delas, não existindo qualquer razão para que elas não existam. Mas as corporações, em busca do lucro, passam custos para terceiros na forma do que Haidt chama de externalidades. Por exemplo, ameaças ao meio ambiente e à saúde. Por isso, sempre que essa tentação surgir, o governo deve agir na defesa do interesse público contra as corporações e sua tendência a distorcer mercados e impor externalidades a terceiros, particularmente àqueles menos capazes de se defender na justiça, como os pobres, os imigrantes e os animais.

O segundo ponto é uma extensão do primeiro, pois consiste mais uma vez no governo regulando a sociedade. Haidt usa o exemplo do governo norte americano banindo o chumbo da gasolina num período de 20 anos a partir do final dos anos 1970. Pesquisas mostraram que o chumbo na gasolina contaminava os pulmões, sangue e cérebros das pessoas e retardava o desenvolvimento das crianças. A indústria química, na busca por lucros, lutou fortemente contra o banimento do chumbo por décadas, mas perdeu.

Haidt admite que a direita pode estar certa ao entender que essas regulações estatais podem ter consequências imprevistas, mas o caso do banimento do chumbo mostra que a intervenção do governo pode trazer benefícios. Haidt conclui que não devemos hesitar em usar essas intervenções em determinados casos.

Meu pitaco. O exemplo mais claro que me ocorre é o de Paulo Maluf como Prefeito de São Paulo tornando obrigatório o uso de cintos de segurança nos automóveis em 1994. Foi uma gritaria sem tamanho, as pessoas se queixavam que a velocidade dentro da cidade era baixa, que era desnecessário, representaria alto custo, etc. Hoje, 25 anos depois, acho que é impossível criticar aquela decisão sem reconhecer a quantidade de vidas salvas pela obrigatoriedade imposta pelo estado. Por outro lado, existem dezenas de exemplos de intervenções desastrosas do estado. Só para ficar no exemplo dos automóveis, houve um famoso kit de prontos socorros, e toda hora aparece uma regra nova para os extintores de incêndio.

TRÂNSITO

Diretor do Detran tentará suspender a lei

Para ele, norma é inconstitucional e motoristas multados poderão recorrer

O diretor do Departamento Estadual de Trânsito (Detran), Cyro Vidal, afirmou ontem que vai encaminhar uma representação de inconstitucionalidade ao secretário de Segurança Pública, Antônio Correia Meyer, na tentativa de suspender a lei municipal — sancionada ontem pelo prefeito Paulo Maluf —, que torna obrigatório o uso de cinto de segurança em São Paulo. "A lei é legítima e os motoristas que forem multados enquanto ela estiver para ser julgada poderão recorrer", disse. Ele afirmava ontem que a representação será encaminhada assim que a lei for publicada no *Diário Oficial* do Município, o que ocorre hoje.

Vidal se diz favorável ao uso obrigatório do cinto de segurança na cidade, mas acredita que não há chances de esta lei municipal ser aprovada, pois a competência para legislar sobre o trânsito é da União e não da Prefeitura.

No dia 26, os membros do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) se reuniram para discutir a lei aprovada pelos vereadores. Ela foi considerada "positiva e benéfica". Eles só observaram que há "excesso" ao se prever multas, pois só a União pode determinar isso e anunciaram que vão estender às cidades de todo o País a exigência do cinto.

Uniformidade — Cyro Vidal, no entanto, lembra que outras leis de trânsito já foram aprovadas pela Câmara Municipal e não passaram pela Justiça. A medida, na sua opinião, também afeta a uniformidade da legislação de trânsito em todo o Brasil. "Se as prefeituras tiverem competência para legislar, poderemos chegar ao ponto de haver cidades proibindo o uso de farol à noite, o que tornaria o trânsito caótico."

Além disso, para ele, a lei assinada ontem, que também prevê o transporte de crianças no banco traseiro, é genérica e não leva em consideração carros que só têm



Sem perdão: Paulo Maluf garante que o proprietário de veículo que transportar passageiro sem o cinto de segurança será multado



banco dianteiro.

O diretor do Centro de Psicologia Aplicada ao Trânsito (Cepat) e presidente da Associação das Vítimas de Trânsito (Avitrân), Salomão Rabinovich, afirma que a obrigatoriedade do uso do cinto na cidade é

uma medida isolada que não resolverá os problemas de trânsito. "A maior parte da frota nacional não está equipada com cinto e os que estão nem sempre têm o de três pontos" disse. Segundo ele, este tipo é o único equipamento seguro.



O taxista Francisco Magalhães: "Com ele, me sinto mais tranquilo"

Cinto pode evitar 40% das mortes em acidentes

O presidente da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), Gilberto Letellier, espera que com a obrigatoriedade do uso do cinto de segurança na cidade os acidentes com mortes diminuam em 40%. "Hoje, esse número é de quase 800 mortes por ano." A medida, porém, encontra resistências. Motoristas de táxi alegam que é difícil convencer os passageiros a usar o cinto.

O taxista Francisco Ferreira de Souza Magalhães, de 45 anos, trabalha há dez como motorista e só começou a usar cinto de segurança há alguns meses, depois da morte de um amigo num acidente. "Com ele, me sinto mais tranquilo." Magalhães acredita que para trabalhar vai ser complicado, pois muitos passageiros não querem usar. "Não posso obrigá-los."

Baltino Elói de Araújo, de 46 anos, também taxista, concorda com Souza. "Se o passageiro não quiser colocar o cinto, não podemos nos responsabilizar por isso." Araújo contou que, numa viagem a Jundiaí, brigou com uma pessoa que se recusou a pôr o cinto. "Coloquei o meu, e deixei o cara como ele queria, senão acabaria perdendo o dinheiro da corrida."

Já Hélio Gomes Faria, de 53 anos, é contra a lei. "Ela deveria valer só em rodovias, como antes." Faria alega que nunca sofreu acidentes e o acessório o incomoda. "Acho que vou amarrar uma tira preta no corpo para enganar os fiscais", brincou. Depois de pensar um pouco, chegou à conclusão de que "é muito melhor usar o cinto do que dar dinheiro à Prefeitura."

Segundo o prefeito Paulo Maluf, os motoristas, donos dos veículos, não serão perdoados caso o passageiro ao lado não estiver com o cinto de segurança. "Eles devem dar o bom exemplo", disse. Maluf confessou que nem ele nem seu motorista usavam o cinto com frequência, mas agora o farão.

Os dois pontos da direita.

O respeito e a admiração pelo livre mercado. Os governos jamais serão capazes de dirigir os mercados da forma eficiente como faz a famosa mão invisível do livre mercado.

Considere uma lata de comida na prateleira de um supermercado. Pense na quantidade de gente envolvida na sua produção, os fazendeiros, motoristas de caminhões, empregados dos supermercados, mineiros, trabalhadores na indústria da embalagem e tantos outros. Pense no milagre que é poder comprar a lata por menos de um dólar. A cada passo do processo a competição entre os fornecedores recompensou aqueles cujas inovações reduziram um centavo do custo de fazer a lata chegar até você. Quanto mais se interfere nesse sistema, mais se sacrifica sua eficiência. Haidt diz que deveríamos ouvir quando os libertários falam do milagre dessa ordem espontânea que emerge quando as pessoas são livres para fazer suas escolhas. Os esquerdistas podem ter boas intenções quando querem interferir na operação do livre mercado, mas essas boas intenções sempre acabam em desastres econômicos e sociais.

Haidt apoia as intervenções estatais em alguns casos, mas também aponta que elas deveriam ser minimizadas ao máximo.

O segundo ponto em favor da direita é sua preocupação com os módulos morais da lealdade, autoridade e santidade, o que se reflete em seu suporte às instituições e práticas que promovem a coesão entre os grupos, como a família, o patriotismo e a religião. Conforme Haidt, nossos sentimentos egoístas sempre serão um problema para a convivência em grupo e esse é o caso especialmente das grandes comunidades onde os membros não têm um contato regular entre si e não se conhecem. Comunidades morais são frágeis, difíceis de construir e fáceis de serem destruídas. Quando pensamos sobre as grandes comunidades, como as nações, o desafio é extraordinário e a ameaça da degradação moral é muito grande, com consequências catastróficas. Não há muita margem para erro, muitas nações falham como comunidades morais, particularmente as corruptas onde os ditadores e as elites conduzem o país para seu benefício próprio. Para evitar essa situação, Haidt diz que se deve reforçar o capital moral dentro da comunidade, o que significa dar suporte a instituições orientadas para os grupos e práticas que os conservadores apoiam.

Bem, suportar alguns grupos significa excluir outros, o que é exatamente o que os progressistas detestam. John Lennon capturou o sonho da esquerda em sua canção “Imagine”. Imagine se não existissem países, nem religiões. Se pudéssemos eliminar todas as fronteiras que nos dividem, então o mundo seria um só. Mas para Haidt, essas divisões, por mais odiosas que pareçam, são necessárias na prática e é uma ingenuidade pensar de outra forma. Precisamos de grupos, amamos grupos e desenvolvemos nossas virtudes em grupos, mesmo que esses grupos necessariamente excluam os não membros. Se você destruir esses grupos e dissolver toda estrutura interna, destrói nosso capital moral, o que é catastrófico para a sociedade.

Meu pitaco. Na NetFlix existe um documentário chamado Wild Wild Country, que conta a história de uma seita nascida pelas mãos do guru indiano Osho, que prega exatamente uma vida sem divisões. Mas para isso ele se vê obrigado a apartar seu grupo da sociedade. Primeiro na Índia, depois nos Estados Unidos. E o documentário expõe como os desejos humanos, a cobiça, a fome pelo poder, a inveja aos poucos

destroem aquele sonho de sociedade idílica que primeiro entra em choque com outros grupos na sociedade e depois implode. É revelador assistir o documentário e fazer um paralelo com a inviabilidade do sonho dos progressistas por uma sociedade inclusiva. Esse sonho, maravilhoso no papel, tem um baita limitador na vida real: seres humanos.



Haidt comenta como as reformas que os progressistas algumas vezes introduzem acabam saindo pela culatra, ao deteriorar nosso capital social. Usa como exemplo a urgência por ajudar os pobres que levou aos programas de bem-estar social dos anos 1960 que reduziram o valor dos casamentos, aumentaram o nascimento de crianças abandonadas pelos pais e enfraqueceram as famílias, especialmente dos negros. A urgência de empoderar os estudantes, dando-lhes o direito de processar os professores nas escolas durante os anos 1970, que erodiu a autoridade e o capital moral nas escolas, criando um ambiente de desordem que acabou prejudicando os mais pobres principalmente. A urgência de ajudar os imigrantes hispânicos nos anos 1980, que levou a programas de educação multicultural que enfatizaram as diferenças entre os americanos em vez de compartilhar seus valores e identidade. Enfatizar as diferenças faz com que as pessoas sejam mais racistas, não menos.

Haidt então conclui que a direita está justificada em seus esforços para preservar e construir o capital moral, reforçando os valores, virtudes, normas, práticas, identidades, instituições e tecnologias que os ampliam.

É claro que Haidt não prega que a construção do capital moral aconteça a qualquer custo, e nem que isso seja sempre necessariamente uma coisa boa. Ele está consciente de que a coesão dos grupos pode levar a um tratamento injusto de certas classes de pessoas, dentro e fora das comunidades. E isso precisa ser reconhecido e minimizado.

Se você está tentando mudar uma organização ou sociedade e não considera os efeitos das mudanças no capital moral, está procurando problemas.

Jonathan Haidt foi atacado pela direita e pela esquerda depois que lançou seu livro. Tem choro de todo lado. Você pode concordar ou não com as ideias dele, com suas análises políticas, mas elas ajudam a compreender de onde vêm nossos sentimentos morais, políticos e religiosos. E ajudam a compreender a visão de nossos adversários.

Essa compreensão é fundamental se queremos conduzir nossos debates políticos e religiosos em alto nível.



"Sua mãe e eu estamos nos separando porque eu quero o melhor para meu país e ela não quer."

Olha, neste livro o autor nos leva a um passeio pela natureza e a história humanas. Tenta mostrar que o seu tema preferido de investigação – a psicologia moral – é a chave para entender a política, a religião e o nosso mais completo domínio sobre o planeta. Apresenta o primeiro princípio da psicologia moral: *as intuições vêm antes, o raciocínio estratégico vem depois*. Deixa claro que lembrar do Ginete e do Elefante pode ajudar você a se tornar mais paciente com outras pessoas. Quando você se pegar inventando argumentos ridículos de justificativa, pode ir mais devagar antes de se livrar de outras pessoas só porque pode facilmente lhes refutar os argumentos. A ação na psicologia moral realmente não está nos pronunciamentos do ginete.

Ele apresenta também o segundo princípio da psicologia moral: *a moralidade não se resume ao mal e à justiça*.

Com os seis Módulos Morais, ele nos lembra de tomar cuidado com qualquer pessoa que insista sobre a existência de uma moral verdadeira para todas as pessoas, tempos e lugares – ainda mais se essa moralidade for fundada em uma única base moral.

Sociedades humanas são complexas; suas necessidades e desafios são variáveis. Nossas mentes contêm uma caixa de ferramentas de sistemas psicológicos, incluindo os seis módulos morais. Essas ferramentas podem ser usadas para enfrentar esses desafios e construir comunidades moralmente eficazes.

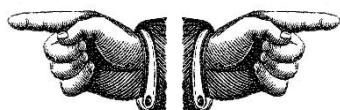
O autor apresenta o princípio de que a moralidade *enlaça e cega*. Somos produtos de uma seleção multinível, que nos transformou em um Homo duplex. Somos egoístas e tribais, 90% chimpanzés e 10% abelhas. Apresentou o botão de colmeia, sob a pele, esperando para ser acionado.

Este livro explicou porque as pessoas estão divididas na política e na religião. A resposta não é, como diriam os maniqueístas, porque algumas pessoas são más e outras são boas. Em vez disso, a explicação é que nossas mentes se desenvolveram para que fôssemos moralmente grupais. Somos criaturas profundamente intuitivas cujas sensações guiam nosso raciocínio estratégico. Isso torna difícil – mas não impossível – fazer a conexão com quem vive sob outras matrizes morais, geralmente construídas a partir de diferentes configurações dos módulos morais disponíveis.

Portanto, da próxima vez que você estiver ao lado de alguém com outra matriz, dê-lhe uma chance. Não pule na garganta. Não fale sobre moralidade antes de ter encontrado alguns pontos em comum ou algum outro modo de estabelecer um pouco de confiança. E quando o assunto chegar às questões morais, comece pelo elogio e tente mostrar um interesse sincero.

Estamos todos presos neste mundo por algum tempo.

Vamos tentar fazer com que funcione.



Como sempre, recomendo a você intensamente que compre o livro. Ele está repleto de exemplos, com histórias reais, com depoimentos, reprodução das pesquisas e dados que reforçam os pontos levantados pelo autor. Não utilizei esse material rico neste podsumário, nem poderia. Ou não seria um sumário, não é?

Compre o livro aqui: <https://amzn.to/2Dprz0c>

Para terminar, a frase de Baruch Spinoza, em seu *Tractatus Politicus* de 1676, com a qual Jonathan Haidt abre o livro:

Tenho me esforçado para não rir das ações humanas, nem chorar por elas, nem odiá-las, mas entendê-las.



Você recebeu este podsumário por fazer parte do Café Brasil Premium. De onde veio este, tem muito mais. Acesse www.cafebrasilpremium.com.br